



**JAEGER-LECOULTRE REVERSO TRIBUTE ENAMEL
HIDDEN TREASURES
ACHADAS E PERDIDAS: OS FASCINANTES CONTOS DE
TRÊS PINTURAS “OCULTAS”**

O trio de relógios lançado pela Jaeger-LeCoultre, **Reverso Tribute Enamel Hidden Treasures**, celebra o trabalho de três grandes mestres do início da Arte Moderna – Gustave Courbet, Vincent Van Gogh e Gustav Klimt – reproduzindo fielmente uma obra de cada artista no verso de uma caixa de relógio Reverso em esmalte Grand Feu.

Embora as obras representem um importante divisor de águas na tradição artística ocidental, do realismo de Courbet ao pós-impressionismo de Van Gogh, ao espírito expressivo e experimental de Klimt e à Secessão de Viena, elas também têm outra história fascinante para contar. Cada uma delas permaneceu escondida do mundo por muitas décadas – supostamente perdidas para sempre. As histórias são notáveis e improváveis – cada uma com um enredo digno de um romance ou de um filme de crime.

Gustave Courbet - *Vista do Lago Léman* (1876)

Mestre do movimento realista do século 19 e ativista político, Gustave Courbet fugiu da França, sua terra natal, em 1873, estabelecendo-se perto de Vevey, na costa norte do Lago Léman (Lago de Genebra), onde foi inspirado pelas paisagens em constante mudança da água e as montanhas Dents du Midi. Nesta bela vista atmosférica do lago, pintada no último ano de sua vida, Courbet capturou o movimento das nuvens e da luz do sol na superfície do lago em tons luminosos de azul prateado.

No início da década de 1890, cerca de 15 anos após a morte de Courbet, um habitante da cidade de Granville, na Normandia, legou esta pintura (além de outras duas também atribuídas a Courbet) ao museu de arte local – o Musée du Vieux Granville. No final da Segunda Guerra Mundial, as obras foram transferidas para um depósito, onde permaneceram esquecidas por 70 anos. Em 1995, um especialista declarou que todas as três pinturas eram falsificações — intencionais ou atribuídas incorretamente. As pinturas voltaram à tona apenas em 2015, quando a curadora do museu estava preparando um documento sobre a história do museu. Ela decidiu procurar uma segunda opinião sobre a autenticidade das obras e consultou o principal especialista em Courbet, Bruno Mottin, dos Musées de France. Após extensa pesquisa, Mottin confirmou em 2017 que a cena do lago era, de fato, de Courbet.



Vincent Van Gogh - *Pôr do Sol em Montmajour* (1888)

A mudança de Van Gogh para o sul da França em 1888 marcou o início de um período altamente produtivo de maturidade artística, quando ele tentava retratar a natureza e o ambiente feito pelo homem de novas maneiras.

Em 5 de julho de 1888, Van Gogh escreveu a seu irmão mais novo, Theo: “Ontem, ao pôr do sol, eu estava numa charneca pedregosa onde crescem carvalhos bem pequenos e retorcidos, ao fundo uma ruína sobre a colina e trigais no pequeno vale. [...] O sol derramava raios muito amarelos sobre as moitas e o solo, [...] aliás, eu trouxe um estudo [...]”. Apesar dessa prova clara, a pintura descrita por Van Gogh, *Pôr do Sol em Montmajour*, não foi autenticada como genuína até 2013. Nesse intervalo, ela ficou completamente desaparecida por 60 anos, reapareceu brevemente e depois desapareceu novamente.

Em 1908, um industrial e colecionador norueguês, Cristian Nicolai Mustad, comprou a pintura de um negociante de Paris. Logo depois, de acordo com a tradição familiar, o embaixador francês na Suécia, do círculo social de Mustad e com alguma experiência em arte do século 19, considerou-a falsa. Descontente e constrangido, Mustad imediatamente banuiu a obra para seu sótão, onde permaneceu esquecida até depois de sua morte, em 1970. Novamente considerada como falsa, ela desapareceu novamente e reapareceu brevemente em 1991, quando outra tentativa de autenticação – pelo Museu Van Gogh, em Amsterdã – também teve resultados negativos. Finalmente, em 2011, os especialistas do Museu concordaram em examinar a pintura novamente, usando técnicas avançadas então disponíveis. Dentre elas, testes químicos provaram que os pigmentos combinavam com os da paleta de Van Gogh em Arles. Dois anos depois, em setembro de 2013, ela foi declarada autêntica – a primeira pintura em tamanho real de Van Gogh a ser autenticada desde 1928.

Gustav Klimt – *Retrato de uma Dama* (1917)

Este não é apenas o único “duplo” retrato conhecido do artista vienense, mas também é o único “duas vezes perdido”. A dupla identidade da pintura foi descoberta apenas em 1996, quando uma estudante de arte perspicaz, Claudia Maga, descobriu que Klimt a havia pintado sobre um retrato anterior, que estava dado como perdido desde 1912, logo após ser pintado. A história por trás disso é profundamente romântica: o retrato anterior era de uma jovem por quem Klimt havia se apaixonado perdidamente. Ela se tornou sua musa, mas morreu jovem. No último ano de sua vida, ainda absorvido pelo luto da perda, Klimt cobriu o retrato original com uma nova pintura, de uma outra dama.

Em fevereiro de 1997, durante os preparativos para uma exposição especial, a pintura foi roubada da Galleria d'Arte Moderna Ricci Oddi em Piacenza, Itália, onde estava exposta desde 1925, quando o colecionador homônimo Giuseppe Ricci Oddi a comprou. A moldura foi deixada no telhado da galeria, sugerindo que ladrões haviam retirado a pintura pela claraboia. No entanto, era uma falsa pista, já que



a abertura era pequena demais para que a moldura pudesse passar. Nos anos que se seguiram, falsificações apareceram em várias ocasiões (incluindo uma interceptada na fronteira francesa, em uma encomenda endereçada ao ex-primeiro-ministro italiano Bettino Craxi), mas o original foi considerado como desaparecido para sempre.

Então, em dezembro de 2019, jardineiros que podavam as trepadeiras do muro externo da galeria se depararam com um painel em metal. Atrás dele, eles encontraram um saco de lixo preto contendo a pintura perdida. Especialistas puderam rapidamente confirmar sua autenticidade.

A história fica ainda mais estranha: segundo depoimento dado pelo ladrão em troca de imunidade judiciária, o quadro roubado em 1997 era, na verdade, uma réplica pendurada no lugar do original, que já havia sido roubado vários meses antes, em um trabalho interno minuciosamente planejado. A réplica foi então roubada para esconder o fato de se tratar de uma falsificação, que teria sido flagrada por especialistas que visitaram a exposição, incriminando assim o cúmplice dentro da galeria. A pergunta de como o original foi escondido na parede permanece sem resposta. A julgar por seu estado relativamente bom, ela não poderia estar lá desde o roubo. Então, quem a devolveu? Quando? E por quê? O mistério permanece.

SOBRE O REVERSO

Em 1931, a Jaeger-LeCoultre lançou um relógio destinado a tornar-se um clássico de design do século XX: o Reverso. Criado para resistir aos rigores dos jogos de polo, suas elegantes linhas Art Deco e a caixa reversível exclusiva o tornam um dos relógios mais reconhecíveis de todos os tempos. Ao longo de nove décadas, o Reverso reinventou-se continuamente sem nunca comprometer a sua identidade: alojou mais de 50 calibres diferentes, enquanto o seu verso em metal branco tornou-se uma tela para a expressão criativa, decorada com esmalte, gravuras ou pedras preciosas. O Reverso celebra seus 90 anos em 2021, e continua a sintetizar o espírito de modernidade que inspirou sua criação.